

Citânia de Briteiros: programa de investigação e valorização do monumento

Francisco Sande Lemos
Gonçalo Cruz

1

Introdução

A Citânia de Briteiros adquiriu notoriedade na Arqueologia devido a um conjunto de factores extraordinários, no contexto português. Num período em que ainda não se tinham definido, em Portugal, o objecto, os métodos e as técnicas em Arqueologia, a curiosidade e o interesse de Francisco Martins Sarmiento permitiram o desenvolvimento de um projecto pioneiro de investigação e conservação, assim como de um primeiro ensaio de "Parque Arqueológico"¹.

A partir de 1875, Martins Sarmiento realizou na Citânia várias campanhas de escavação anuais, que acabariam por justificar a compra da quase totalidade da área ocupada pelo povoado, a expensas próprias. As escavações de Sarmiento exumaram grande parte das ruínas da acrópole, existindo do conjunto, um levantamento topográfico executado em 1892. Em 1910 o sítio foi classificado como Monumento Nacional, a par de muitas outras estações e sítios arqueológicos do país.

Posteriormente, a Sociedade Martins Sarmiento prosseguiu o estudo da Citânia e também do Castro de Sabroso, entre os anos 30 e 60 do século XX, sob a direcção de Mário Cardozo. Estas intervenções colocaram a descoberto grande parte das ruínas da encosta nascente e diversos sectores da acrópole, a que se juntou o extenso restauro de estruturas domésticas e linhas de muralha.

A monumentalidade e singularidade das estruturas conservadas na Citânia, bem como a riqueza do seu subsolo, fazem deste sítio arqueológico uma inegável fonte de investigação científica, cujos recursos não se esgotaram durante mais de um século de escavações e restauros.

2

Localização, contexto e caracterização do monumento

A Citânia de Briteiros ocupa o cume (altitude máxima de 336 metros) conhecido por Monte de S. Romão, localizado perto da margem direita do Ave. Situa-se na freguesia de S. Salvador de Briteiros, município de Guimarães. O relevo em esporão, no qual o povoado foi implantado, tem um amplo domínio visual sobre o curso médio do rio, tanto para jusante, na direcção de Caldas das Taipas, como para montante, para onde se avistam as serras da Cabreira (extremidade da bacia hidrográfica) e do Gerês. A Nordeste e Sudoeste, respectivamente, os castros de Santa Iria e de Sabroso inserem-se no campo de visão da Citânia e no seu território de influência, numa relação de interdependência, em parte ainda por definir. A poente divisa-se a serra do Sameiro, em que se destaca o Monte de Santa Marta das Cortiças, sobranceiro a um trajecto natural de circulação entre as bacias do Ave e do Cávado, em cujo controlo a Citânia poderá ter desempenhado um papel preponderante, sendo um dos factores que estiveram, talvez, na origem do seu considerável crescimento. A nascente, para além do rio, eleva-se uma sequência de cumeadas que separam os vales do Ave e do Vizela e em cujas encostas se destacam outros povoados proto-

-históricos de pequena dimensão (Santa Maria do Souto; Gonça; São Salvador do Souto; Prazins; e Penselo). Em segundo plano, por detrás destas elevações avista-se o Monte da Penha.

O povoado dispunha de um amplo território teórico de exploração, com uma considerável abundância e diversidade de recursos, incluindo: o cultivo de cereais no sopé das encostas; os pastos utilizados na criação de gado bovino, caprino e ovino; a recolocção de frutos selvagens; a madeira de bosques adjacentes; e o aproveitamento dos recursos piscícolas do Rio Ave. A localização próximo do rio, junto de um provável limite de navegabilidade, indicia o controlo de rotas comerciais, tanto no sentido litoral/interior (no qual se inseria o “caminho” fluvial) como de Sul para Norte (o supra citado trajecto de circulação transversal que interligava as bacias hidrográficas do Douro, Sousa, Vizela, Ave, Cávado, Lima e Minho).

Na plenitude dos seus 24 hectares de extensão máxima, a Citânia conserva um sistema defensivo de três ordens de muralha, complementado com uma quarta linha a Nordeste e dois fossos escavados na rocha, no istmo de acesso ao esporão, o ponto mais vulnerável. As muralhas foram construídas, com um aparelho poligonal e irregular, facetadas em ambos os lados, sendo o interior preenchido com pedras e areão. As dimensões são, genericamente, uniformes, apresentando cerca de 2 metros de espessura (3 metros nos pontos mais reforçados). Quanto à altura, chega a atingir quase 4 metros, nos sectores em que foi restaurada por Mário Cardozo. Nos troços originais, a altura conservada não atinge os dois metros. Contudo, a altura inicial da maior parte dos alinhamentos deveria variar entre 3 e 4 metros. Não se encontraram ainda vestígios de torreões; apenas se observa um interessante bastião numa das portas da terceira muralha.

Nos três alinhamentos, que convergem para Nordeste, distinguem-se algumas portas de acesso, por onde transitam vários caminhos, que supomos coevos do povoado, embora ainda utilizados no século XIX. Estes acessos, abertos nas muralhas, tinham uma largura variável, de cerca de 1,50 metros na única porta conservada da primeira muralha, e de cerca de 2,50 metros numa das portas da terceira muralha. Nalguns destes acessos, é ainda visível o sulco de encaixe de um entablamento ou paliçada amovível, que abria de baixo para

cima. De referir a porta mais curiosa, eventualmente uma das principais, aberta na terceira muralha, junto do istmo localizado a Nordeste que ligaria tanto ao vale superior do Rio Febras, como também às cumeadas que envolvem o Monte da Pedralva. Esta entrada encontra-se, ligeiramente, recuada em relação ao alinhamento dos muros, sendo protegida por um bastião maciço a Norte e por um conjunto de penedos naturais a Sul.

Outra particularidade do sistema defensivo corresponde ao troço Sudoeste da terceira muralha, que contorna uma plataforma natural. Esta área plana, com óptimas condições para o desenvolvimento urbano, seria acessível pela rua pavimentada que ligava o núcleo central à zona Sudoeste do povoado, passando pelo balneário. Não estaria aqui implantada uma terceira zona habitacional autónoma, além das duas já conhecidas: a acrópole e a encosta nascente? O facto de a área em questão nunca ter sido escavada, impede-nos de ser mais conclusivos quanto à ocupação deste espaço. Um pouco à frente, já no flanco Sudeste, voltado ao Ave, a segunda muralha evitou sobrepor-se a um núcleo de gravuras pré-históricas, recentemente estudado, mantido assim no exterior do perímetro do povoado da Idade do Ferro.

A primeira muralha parece ser o alinhamento mais simples, definindo a área mais elevada do núcleo urbano, distinguindo-se um corredor de circulação interno, a poente. Todavia esta faixa, sem construções, já não se conserva na encosta nascente, onde, aparentemente, foi ocupada em consequência do desenvolvimento urbano da Citânia. O alinhamento da estrutura defensiva é ainda visível, mas, progressivamente, foi transformada em simples muro de suporte de várias casas de família. A segunda muralha é quase paralela à primeira, pelo menos até ao local onde se ergue a Casa do Conselho, ou seja no extremo Sudeste do cume. Mas, a partir deste ponto, diverge para nascente, descendo a encosta e descrevendo, deste modo, um amplo arco. A terceira linha defensiva é a mais extensa. Possui um traçado irregular, distanciando-se das outras duas no sentido Sudoeste e Sul, de tal modo que abrange uma vasta área.

Todo este complexo sistema de defesa retrata uma sociedade politicamente instável, ou uma comunidade em permanente conflito com inimigos externos? Ou as muralhas representariam o poder instituído, servindo como símbolo de

uma administração rígida? Talvez estes vectores fossem articuláveis, sendo as muralhas não só um elemento intimidativo para possíveis inimigos e um sistema efectivo de defesa, em períodos de maior instabilidade ou conflito, mas também um meio de controlo da circulação interna no aglomerado, separando zonas socialmente distintas, ou com tradições específicas.

A área urbana da Citânia, já conhecida, corresponde à acrópole (definida pela primeira muralha que delimita a plataforma cimeira da elevação) e à encosta nascente, no sopé do qual as estruturas se prolongam para além da Estrada Nacional 309 (construída nos anos 30 do séc. XX e que penetrou no interior do povoado). Ocupa uma área aproximada de 7 hectares, equivalendo à zona escavada por Francisco Martins Sarmiento e por Mário Cardozo. Dentro desta área foram identificadas 104 unidades domésticas (número que pode ser ligeiramente alterado para mais em função dos estudos em curso), agrupadas em pequenos bairros delimitados por eixos viários definidos hierarquicamente. Estes eixos representam um primeiro ensaio de organização dos espaços urbanos, cuja cronologia suscita divergências nos meios científicos.

A análise das duas plantas disponíveis (1892 e 1999) permite observar uma malha aproximadamente ortogonal, no caso dos eixos principais, mas irregular, embora com ângulos rectos, no caso das vielas secundárias e áleas, ou becos. Esta estrutura de ordenamento corresponde ao conceito de Proto-urbanismo, patente noutros sítios arqueológicos similares e característico da II Idade do Ferro. As ruas apresentam pavimentos lajeados e estão delimitadas por muros que envolvem os conjuntos habitacionais familiares. Trata-se, sinteticamente, de um hipotético programa de criação de quarteirões ortogonais, que se adaptou à irregularidade topográfica do terreno, bem como à existência de estruturas anteriores (construções circulares) que, em certos casos, se mantiveram e noutros foram truncadas, ou modificadas.

Dentro de cada quarteirão, ou bairro, distinguem-se, como já se referiu, as diferentes unidades domésticas. Esta nomenclatura, ou visão dos espaços de habitação familiares, nunca foi colocada por Martins Sarmiento ou por Mário Cardozo que olharam para cada estrutura como sendo uma casa diferenciada. De facto cada "casa", circular ou angular, está integrada num pequeno complexo, no centro do qual está um pátio, frequentemente lajeado, e para onde abriam

as portas das estruturas. Em certos casos, estes complexos assemelham-se mesmo a um edifício uniforme, com um espaço aberto no centro. Este factor, aliado à circunstância de cada complexo estar nitidamente separado dos restantes e das ruas, embora existam paredes meigas, leva-nos a pensar que as diferentes estruturas, mais não são que compartimentos integrantes da mesma Casa, ou unidade familiar.

Cada unidade habitacional é, normalmente, constituída por uma a três estruturas circulares (das quais uma costuma assumir uma função de destaque) e várias outras estruturas angulares, cuja implantação dá a entender que ocupavam o espaço restante, por vezes no enfiamento de estruturas circulares, ou adossadas aos muros que delimitavam a unidade habitacional. É de crer que cada estrutura assumiria funções distintas: *habitat* secundário, armazém, oficina ou estábulo. O mais curioso nestes complexos é a imponência construtiva do lajeado do pátio e da estrutura circular de maior destaque, bem como a notória divisão entre o que é espaço público (ou seja as ruas e outras zonas abertas) e o espaço privado, ou familiar.

A unidade reconstruída da Citânia de Sanfins (Silva 1999) embora com pormenores discutíveis, como a continuidade da cobertura, e apesar de ter uma área inferior à média, materializa, de forma convincente, a unidade habitacional dos grandes castros da II Idade do Ferro do Noroeste de Portugal.

Este proto-urbanismo ordenou, assim, uma superfície ocupada por mais de uma centena de famílias, cujo perfil socio-económico seria bastante variável, facto patente nas diferenças de qualidade construtiva, e na estética característica de certos aparelhos, bem como nas decorações de elementos arquitectónicos e outros indicadores sociais (inscrições latinas, gravadas na rocha ou em lintéis). Todos estes dados apontam para a existência de uma administração centralizada e, provavelmente, oligárquica.

Neste contexto, a clara definição das áreas privadas pressupõe a existência de outros espaços colectivos de autoridade e simbólicos, além das ruas e das muralhas. Em Briteiros, conhecemos pelo menos dois exemplos de equipamentos colectivos: os banhos e a Casa do Conselho. Quanto aos banhos existiram pelo menos dois: o que se conserva no sopé da encosta, a Sudoeste, e o outro, de

onde proveio a *Pedra Formosa*, exposta no Museu da Cultura Castreja, em S. Salvador de Briteiros. Se à partida os banhos não constituíram propriedade exclusiva de uma família, por se encontrarem fora dos espaços domésticos e inclusivamente junto de eixos viários e portas de acesso, também não sabemos até que ponto estariam abertos à utilização pública generalizada. E quanto à sua função de sauna e banhos, tão-pouco se poderá definir, por ora, o real significado destes equipamentos: higiene ou ritual; ou ambos, sendo menos provável o primeiro.

Aliás a relevância da água é, particularmente, visível em Briteiros, devido à precoce descoberta da *Pedra Formosa*, recolhida na Citânia no século XVIII, cuja implantação original se desconhece. Este elemento arquitectónico é formado por uma grande laje, ou estela, profusamente decorada, com uma abertura semicircular na sua secção inferior. A descoberta dos banhos intactos, escavados na década de 30 do séc. XX por Mário Cardozo, implica a existência de uma outra estrutura similar, de onde deveria ter saído a primeira estela, edifício que seria, forçosamente, de maiores dimensões. Mais adiante analisa-se, de novo, esta questão.

Obedecendo a uma morfologia tripartida, a estrutura do balneário que se observa, e que corresponde a um padrão generalizado nestes edifícios, era constituída por uma fornalha (onde se aqueciam blocos de granito ou de quartzito), uma câmara de sauna (onde se provocava o vapor, espalhando água sobre as pedras incandescentes) e um compartimento de entrada, eventualmente com funções de vestiário. Este compartimento e câmara de sauna eram separados pela "*Pedra Formosa*". O único acesso entre os dois era o orifício inferior da estela o qual, embora permitindo a passagem de uma pessoa, é tão pequeno quanto possível, para evitar a fuga de calor. Além disto, o balneário apresenta também um pátio exterior lajeado, onde se dispunha um tanque de água fria, para o qual descarregava uma canalização.

A decoração da *Pedra Formosa*, poderá indicar o uso ritual do local, ou pelo menos a atribuição de um significado fundamental à água, neste período.

A existência da conduta em pedra, associada a um dos principais eixos urbanos da Citânia, revela uma importante inovação no uso da água. Não possuímos para

esta estrutura (tal como para muitas outras na Citânia) um enquadramento crono-estratigráfico que nos permita datá-la com suficiente acurácia. Porém, tudo indica que ela esteja associada ao traçado da rua, assim como à utilização dos banhos descobertos a Sudoeste, nos anos 30, onde termina o caleiro. A construção da conduta parece ter partido de uma nascente natural, outrora existente perto de um conjunto de penedos, localizados, sensivelmente, a meia-encosta do declive Nordeste da acrópole. Daqui, a canalização levaria água corrente ao longo da rua, até desembocar no tanque exterior do referido balneário.

Muito dificilmente poderemos considerar que esta conduta terá assumido como objectivo secundário o abastecimento doméstico aos quarteirões habitacionais da encosta nascente. Aparentemente, apenas um conjunto doméstico foi contemplado com uma ramificação própria para uso domiciliário, além das unidades residenciais que são atravessadas pela conduta junto da nascente, e que também se serviriam dela. De facto, a ramificação da conduta pública para um espaço privado deveria ter atendido a motivos, por ora desconhecidos e mais relevantes do que o simples abastecimento doméstico, pois que outras casas da Citânia, de famílias abastadas, não possuem qualquer indício de água canalizada.

Contudo, a conduta também serviu para provimento de água à população. Sensivelmente a meio do caminho que leva ao balneário, observa-se um tanque público, inserido no trajecto do aqueduto o qual depois continua a descer ao longo da via. A partir deste ponto, a rua apresenta uma topografia mais íngreme, conservando-se vários alinhamentos diagonais em pedra, traçados com o objectivo preciso de impedir o alagamento da calçada, contribuindo para o fluxo de água na canalização de pedra, lateral à via, o que não deixa de suscitar uma certa perplexidade. Curiosamente nota-se neste sector da conduta, pelo menos uma cavidade no meio do tramo, que teria sido concebida como caixa de controlo da corrente hidráulica na descida para o balneário.

É de facto estranho que apenas o sector da encosta nascente da Citânia apresente um sistema de abastecimento artificial de água, factor que melhoraria consideravelmente as condições de habitabilidade do espaço. Teria este factor sido determinante para a expansão urbana de qualidade, que se observa ao longo desta encosta? De qualquer modo, as famílias de uma das linhagens dominantes, que habitariam conjuntos domésticos como a Casa de *Coronerus*

Camali, a Casa de *Medamus Camali* e a “Casa da Espiral”, continuaram, aparentemente, a ocupar a zona central da acrópole. De outro modo não se justificariam as inscrições em latim gravadas na rocha aplanada, nos pátios.

Uma das particularidades da Citânia de Briteiros reside numa estrutura, habitualmente, designada como “Casa do Conselho”. Nesta casa circular com cerca de 11 metros de diâmetro e um banco corrido ao longo da parede interior, teria funcionado um órgão colegial de decisão. Na escolha do local desta estrutura está subjacente uma complexa simbologia de organização do espaço, pois situa-se junto da primeira muralha, numa zona ampla, sem estruturas domésticas próximas e de onde se divisa grande parte do que seria o território de influência do povoado.

Ainda na acrópole conservam-se os vestígios de uma ermida medieval (provavelmente dedicada a S. Romão) com necrópole de inumação associada, bem como as duas casas circulares reconstruídas por Martins Sarmento, naquilo que foi a primeira tentativa de restauro integral de estruturas proto-históricas em Portugal.

3 Projecto integrado de investigação, valorização e divulgação

O estudo da Citânia de Briteiros teve, como já referimos, dois momentos altos com Martins Sarmento (séc. XIX) e Mário Cardozo (séc. XX). Nos anos 70 deste último século, Armando Coelho da Silva e Rui Centeno realizaram trabalhos junto à primeira linha de muralha com interessantes conclusões. Uma nova intervenção arqueológica efectuou-se em 2002, sob a direcção de um dos autores (FSL), numa fase prévia à construção do actual Centro de Acolhimento.

Apesar dos sucessivos trabalhos arqueológicos, e numerosas referências bibliográficas, subsistem, no entanto, importantes questões por resolver, e há muita informação para ordenar. Nesta perspectiva foi elaborado, em 2004, um projecto de estudo, valorização e divulgação da Citânia de Briteiros.

De facto os trabalhos, levados a efeito na Citânia ao longo de décadas, obedeceram a metodologias distintas, consoante a mudança das concepções científicas, que caracterizaram os séculos XIX e XX, surgindo assim a necessidade de elaborar um projecto integrado, à luz de critérios actuais. Este projecto, no âmbito das atribuições da Casa de Sarmento e em colaboração com a Sociedade Martins Sarmento, tem sete objectivos:

- 1) Recuperar e organizar informação com base nos antigos trabalhos, confrontando dados e textos.
- 2) Desenvolver a análise do Proto-urbanismo e da arquitectura com base nos levantamentos topográficos, na fotografia aérea e em observações de campo, estudando de forma exaustiva as unidades domésticas, identificando os diferentes espaços funcionais do aglomerado e a sobreposição das estruturas.
- 3) Realizar novas sondagens tanto em áreas já escavadas como em zonas intactas.
- 4) Inventariar e estudar a Arte Rupestre existente no interior da Citânia e na área envolvente.
- 5) Tratar, restaurar e catalogar os materiais de antigos trabalhos.
- 6) Zelar pela conservação do sítio, definindo uma estratégia continuada e projectos específicos para determinados sectores.
- 7) Promover a sua divulgação, a vários níveis, no quadro da comunidade científica e académica, bem como de públicos interessados na temática do Património e no âmbito do Turismo.

Estes objectivos materializam-se através de outras tantas linhas de acção, visando, em síntese, reorganizar, recolher e interpretar informação, devidamente posicionada em vários "layers", como um grelha com múltiplos andares.

A partir da grelha assim estabelecida pretende-se desenvolver diversas vertentes, destacando-se em especial a análise minuciosa de cada unidade doméstica, dotando-a de uma ficha própria, trabalho lento e progressivo, mas indispensável, bem como o estudo aprofundado da documentação relativa às campanhas levadas a cabo por Francisco Martins Sarmento e Mário Cardozo. Para este efeito estão a ser cruzados os dados recolhidos em campo com os manuscritos impressos, ou inéditos, de Martins Sarmento, designadamente os

textos intitulados *Citânia e Sabroso – Notas diárias e reflexões críticas sobre as explorações arqueológicas nestes dois castros*, bem como os relatórios assinados por Mário Cardozo, publicados na *Revista de Guimarães*, ou que se encontrem noutros arquivos. Utiliza-se, também, o inventário dos materiais oriundos da Citânia de Briteiros e depositados no Museu da Sociedade.

Quanto às últimas intervenções realizadas na Citânia, da década de 70 (séc. XX) e do século XXI (2002; 2005; 2006), encontram-se documentadas de acordo com os procedimentos científicos normalizados (relatório; fichas de UE; cadernos de campo; imagens legendadas; materiais lavados e marcados) de modo que a sua inserção na futura base de dados é fácil.

Com estes ficheiros e com as bases de dados dos materiais, e das imagens, será possível avançar, a médio prazo, para um Sistema de Informação Arqueológico.

No seu conjunto as sete linhas de acção, devidamente articuladas, permitem reformular, de maneira dinâmica, questionários científicos e interpretativos, em função dos resultados das diferentes interfaces.

4 Acções realizadas

4.1 e 4.2

Reconstituição dos antigos trabalhos e estudo do urbanismo – Seminário do ano lectivo de 2004-2005

No âmbito destas linhas do projecto, iniciou-se, em Outubro de 2004, a análise das ruínas e a recuperação dos trabalhos efectuados por Martins Sarmento e por Mário Cardozo. Comparando a planta de 1882 com a de 1999, torna-se possível distinguir entre os sectores exumados por Martins Sarmento e os descobertos no século XX. A sobreposição das duas plantas é automática, uma vez que a planta de 1882 já foi vectorizada pela Unidade de Arqueologia da UM, com base numa cópia do original existente na Biblioteca Nacional. Por outro lado, foram cruzadas notas de campo, relatórios, textos, e imagens fotográficas, com as ruínas observáveis e os materiais recolhidos. Projecta-se determinar o ano

em que cada sector do povoado foi escavado, ou restaurado, os materiais aí recolhidos, bem como as imagens relacionadas com esse sector. Pelo que se conhece dos textos de Francisco Martins Sarmento e de Mário Cardozo já não será viável descer à escala que desejaríamos, sendo também impossível apurar a origem precisa da totalidade dos fragmentos de olaria e peças metálicas.

Um trabalho aturado, a análise cuidadosa e repetida dos textos, bem como das antigas imagens, permitirá, pelo menos, estabelecer a sequência temporal das zonas de trabalho, determinando o local de origem de parte dos materiais, ao nível da unidade habitacional. Nalguns casos admite-se a possibilidade de relacionar estruturas específicas e material recolhido, como, por exemplo, na encosta nascente onde Mário Cardozo desmontou e crivou as terras removidas de uma zona habitacional escavada por Sarmento, dando o material entrada no Museu da Sociedade na década de 50 do século XX.

Após uma abordagem preliminar, considerou-se que esse trabalho terá que ser progressivo, em estreita ligação com o segundo objectivo, o conhecimento minucioso das estruturas exumadas e sua integração numa malha analítica, com base em sólida representação cartográfica. Ou seja o primeiro objectivo depende largamente do grau de execução do segundo, a análise do Proto-urbanismo. Dito de uma forma mais simples: quanto melhor se conhece a Citânia, mais fácil se torna a leitura dos apontamentos de Martins Sarmento e dos relatórios de Mário Cardozo.

Deste modo, no âmbito do segundo objectivo, foi realizada uma primeira análise da zona escavada, do tecido das ruínas observáveis, estabelecendo-se uma grelha de atributos, a vários níveis, incluindo os pormenores arquitectónicos de cada estrutura. A fase inicial desta componente do projecto já foi concretizada no âmbito do seminário de Proto-História do 4.º ano da Licenciatura em História, Ramo de Arqueologia. Este seminário integrou 4 finalistas (Célia Oliveira, Ismael Cardoso, Francelino Pereira e João Fonte). A base cartográfica do trabalho de campo foi o levantamento topográfico de 1999, à escala 1:500, em formato tradicional e vector. Este levantamento tem sido utilizado para delimitar, de uma forma tão precisa quanto possível, os diversos bairros e unidades habitacionais, ampliando um ensaio iniciado em 2002, no qual a área escavada da Citânia foi dividida em 16 sectores.

A divisão da planta permitiu, assim, definir sectores (S1, S2, etc.), unidades habitacionais dentro de cada sector (UH1, UH2, etc.), e estruturas circulares, rectangulares ou outras construções, no interior de cada núcleo habitacional (E1, E2, etc.), bem como pormenores arquitectónicos, ou objectos assinaláveis (O1, O2, etc.). A par deste processo de classificação e ordenamento dos vestígios arqueológicos tem-se efectuado o registo fotográfico exaustivo de todos os elementos.

Assim uma determinada estrutura, uma construção circular, por exemplo, passou a ter uma designação específica: **S1/UH3/E2**, por exemplo. Se no interior dessa casa se conservar o encaixe que suportava a trave central do telhado, e se destacar, na entrada, uma soleira bem definida, teremos então: **S1/UH3/E2/O1** e **S1/UH3/E2/O2**.

Por outro lado, a partir das delimitações operadas durante os trabalhos de campo, sobre a referida planta, recorrendo ao Autocad, estão a ser assinaladas em diferentes "layers" as Unidades Habitacionais e as Estruturas de cada uma, bem como o ano em que foram escavadas². No âmbito do trabalho de campo procedeu-se, também, à revisão do levantamento cartográfico de 1999, registando-se erros e eventuais omissões.

Na zona da acrópole, ou seja no cimo da Citânia na área delimitada pela primeira linha de muralha, identificaram-se 7 quarteirões. O número de unidades habitacionais por quarteirão é variável, bem como as estruturas que formam cada unidade. Assim num dos sectores, o n.º 2, temos o seguinte quadro:

Número de unidades domésticas	15
Número total de estruturas	30
Número de construções circulares	10
Orientação preferencial das portas de acesso dos complexos domésticos	NO e SE
Orientação preferencial das portas de acesso das estruturas circulares	SE
Área aproximada do sector	4900 m ²

Verifica-se a predominância de estruturas rectangulares nas unidades domésticas 4, 5, 6, 7, 10, 11 e 12, facto porventura relacionado com a ortogonalidade dos eixos viários, que ordenou a construção urbana nestas unidades. Na UH4 conserva-se o alinhamento de uma estrutura circular sobreposta por estruturas rectangulares que definem o conjunto actualmente visível, indiciando a substituição de uma unidade doméstica mais antiga, eventualmente formada exclusivamente por construções circulares, por um novo conjunto adaptado à rua.

Na UH9 observa-se um excelente exemplar de lajeado, assim como de aparelhos reticulados na estrutura circular central que conserva um vestíbulo. A estrutura rectangular, existente neste conjunto, apresenta, também um vestíbulo de singular morfologia, característica pouco comum neste tipo de estrutura. Nos conjuntos periféricos deste sector constata-se que as estruturas aparentam menores dimensões e uma construção menos cuidada. Daqui se pode, talvez, inferir a localização das famílias mais abastadas na área nuclear da Citânia, implantando-se as famílias de menor estatuto junto da muralha, em áreas marginais, e mais distantes das artérias principais.

Outro sector relevante da Citânia é o número 5, pois situa-se num dos locais mais altos, com esplêndida visibilidade sobre o Ave.

Número de unidades domésticas	14
Número total de estruturas	44
Número de estruturas circulares	18
Orientação preferencial das portas de acesso dos complexos domésticos	Variável
Orientação preferencial das portas de acesso das estruturas circulares	E e SE
Área aproximada do sector	6300 m2

As portas de acesso aos complexos domésticos abrem para os eixos viários, preferencialmente para Nordeste e Sudeste; as portas das estruturas circulares para o centro do pátio da casa de família, sobretudo voltadas a Nascente. São

interessantes os dados relativos às áreas das unidades domésticas: a UH 6, a casa de *Coronerus* filho de Câmalo ocupa uma superfície total de 320 m²; a UH 12, a chamada Casa da Espiral, tem 300 m².

Quanto às construções circulares, na Casa de *Medamus Camali* a estrutura 6 tem 17 m². Aqui, a superfície do espaço interno das unidades circulares é bastante uniforme, dando a entender que se seguiu um padrão previamente estipulado. Na "Casa da Espiral" a estrutura 1 tem 18 m², a estrutura 2 tem 19 m², e a estrutura 3 tem 16m². O diâmetro oscila entre 4,6 e 4,9 metros. Esta unidade doméstica formada por 3 estruturas possui um magnífico pátio, totalmente lajeado. Por outro lado é curioso observar que as três construções possuem aparelho de estilo diferente: helicoidal a da estrutura com átrio; poligonal e vertical o das restantes duas. Os distintos aparelhos podem ter um sentido funcional ou social, pois as estruturas parecem ter sido edificadas na mesma fase.

No geral, a área dos complexos domésticos difere pouco de uns para outros, salvo nas zonas em que a topografia do terreno condiciona a construção, havendo unidades maiores, enquanto noutras diminui a superfície. Apresentam uma superfície média entre 250 e 350 metros quadrados.

Apesar desta malha urbana que parece obedecer a um padrão pré-estabelecido, cada unidade doméstica possui uma individualidade marcada, distinguindo-se entre si pela percentagem relativa de construções circulares/rectangulares, pela sua disposição e diferenças de aparelho. Esta variedade, revela, em nosso entender, uma sociedade dinâmica, com flutuações nos grupos de parentesco e nas famílias extensas, resultantes de eventuais processos de crescimento demográfico, dos sistemas de aliança e de casamentos (endo e exogâmicos). Contudo a evidente dinâmica da arquitectura e do espaço urbano da Citânia pode dever-se a outros factores, para além de mecanismos demográficos simples ou intra familiares. É indispensável também ponderar a diferenciação social das famílias, as mudanças de representação do poder ou as ameaças externas. Existem indicadores que parecem revelar a persistência de instabilidade social, o que teria provocado alterações ao ordenamento urbano do povoado.

Assim da análise espacial levada a efeito subentende-se a existência de uma lógica de ordenamento urbano inicial, retomada em sucessivas fases posteriores,

processo observável na complexidade do traçado dos eixos viários actualmente observáveis, aos quais se vieram a ajustar unidades domésticas posteriores. A cronologia de sucessivas reorganizações não pode, por enquanto, ir além da suposição, porquanto o estudo das estruturas que hoje se vêm a descoberto, não teve em conta a análise estratigráfica dos níveis arqueológicos.

De um modo geral considera-se que o ordenamento urbano dos grandes povoados do Noroeste de Portugal ocorreu na sequência da campanha de *Decimus Iunus Brutus* em 137 a.C. Em nosso entender esse processo poderá ter começado antes, já na primeira metade do século II a.C., como resultado da crescente complexidade da Cultura Castreja, em progressivo contacto com o mundo ibérico e púnico. Episódios de reorganização urbana, podem ter cronologias distintas, sem negar a influência da citada expedição militar, sucedendo-se ao longo do séc. I a.C. até às campanhas de Augusto.

Por outro lado, o ensaio de ortogonalidade expresso nas ruas da Citânia e nos espaços públicos em geral, revela uma forma de representação e exercício do poder. Assim a Casa do Conselho, a larga estrutura situada no extremo Sudoeste da acrópole, não seria um cenário agradável onde, periodicamente, se reuniam os chefes das famílias mais importantes, em amenas conversas, bebendo cerveja, ou vinho importado do Mediterrâneo. A Casa do Conselho era um edifício onde se resolviam matérias decisivas para a vida do grande povoado, onde se acertavam contas e querelas. O significado deste ponto como lugar de exercício de poder é acentuado pelo seu posicionamento estratégico. Do ponto onde foi edificada controlavam-se os terrenos de cultivo situados entre a ribeira da Várzea e o rio Ave, bem como o local onde terminava a navegabilidade do rio, a par do corredor natural de circulação terrestre entre o Vale do Douro e o do Minho. Além disso, a Casa do Conselho localiza-se, no ponto central do povoado, integrada numa área pública, ao contrário do restante perímetro urbano da Citânia, onde ressalta a rígida demarcação do espaço privado.

Este aspecto é muito importante porquanto a estrutura social das comunidades proto-históricas é um dos temas mais discutidos nestes últimos anos. De um modo geral os investigadores, mais baseados na historiografia do que em dados arqueológicos, propõem modelos demasiados estáticos, como se estes povos se tivessem cristalizado no tempo, paralisados, aguardando a chegada do Império Romano.

De modo nenhum a Citânia de Briteiros pode ser integrada nos castros segmentários (Fernandez-Posse e tal. 2004), ou no modelo social denominado heróico, eventualmente vigente na *Callaecia* Setentrional (Parcero Oubiña 2002). A proposta de González Ruibal (2003) inspirada no modelo das “sociétés à maison” de Claude Lévy-Strauss, adapta-se melhor aos grandes povoados da *Callaecia* meridional. Todavia, no contexto avançado da II Idade do Ferro, nos séculos II e I a.C., as grandes citânias do Entre Douro e Minho estavam a constituir-se como cidades-estados, como autênticas *poleis*.

4.3

Trabalhos arqueológicos – 2005 e 2006

4.3.1

Sondagens – Julho de 2005

O outro objectivo (número 3), novos trabalhos arqueológicos de acordo com metodologias rigorosas, foi desenvolvido através da realização em Briteiros de um dos vários estágios de campo da Licenciatura de Arqueologia do ICS de carácter anual. As sondagens, levadas a cabo durante o mês de Julho de 2005, numa das unidades habitacionais da Acrópole, já escavadas por Francisco Martins Sarmiento, tinham vários objectivos secundários:

- 1) Determinar a organização do espaço precedente, bem como uma eventual ocupação da Idade do Bronze Final.
- 2) Estudo de uma unidade doméstica escavada por Martins Sarmiento a fim de se ponderar o interesse de retomar trabalhos em áreas exumadas nos séculos XIX ou XX, procurando por um lado verificar se subsistiam estratos arqueológicos e, por outro, estabelecer a funcionalidade dos diversos compartimentos e datar com rigor as construções anteriormente descobertas.
- 3) Recolher dados acerca das técnicas construtivas.
- 4) Sondar uma área “virgem”, com o intuito de obter um perfil estratigráfico completo, datando também um muro de suporte do terraço superior.

Nos trabalhos participaram 17 alunos dos vários anos da Licenciatura, divididos em quatro grupos, cada um destes enquadrados por finalistas da mesma equipa do Seminário de Proto-Urbanismo e pelos autores (Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz). A unidade habitacional escolhida para as sondagens situa-se no cimo da Citânia, a Sudeste das casas reconstruídas por Martins Sarmento. Devido à inesperada descoberta de uma gravura, apenas visível quando o sol está a pique, passou a ser designada como “Casa da Espiral”, sendo formada por três construções circulares e um alpendre. Foram seleccionados quatro sectores de intervenção, dois deles coincidentes com o interior de casas circulares, um terceiro com a zona do pátio e o último localizado na plataforma superior.

Todavia, nem todos os objectivos propostos foram alcançados.

Não se registou nenhum estrato com materiais do Bronze Final ou do Ferro Antigo, nem se recolheram abundantes materiais desses períodos em estratos mais recentes, o que seria normal caso tivessem havido anteriores ocupações³. Em contrapartida houve um aspecto que nos surpreendeu. A escassez de materiais da época romana, em particular na sondagem localizada numa zona que nunca fora intervencionada. A ideia da Citânia como um povoado profundamente romanizado deve ser encarada com prudência, pois fundamentou-se no exame dos materiais exibidos nas vitrinas do Museu da Sociedade e que foram seleccionados durante as escavações realizadas por Francisco Martins Sarmento.

Por outro lado, pode afirmar-se que o primeiro objectivo foi alcançado. As escavações de Sarmento desmontaram os níveis superiores, até aos pavimentos, mas os estratos subjacentes, essenciais para a datação das estruturas não foram revolidos, encontrando-se intactos (ainda que pontualmente “perfurados” ou cortados) o que reforça a ideia da Citânia como uma formidável reserva científica. De facto a Citânia não é um monumento do passado, um sítio morto para a investigação. Pelo contrário é um laboratório de pesquisas, um espaço essencial para o avanço dos conhecimentos sobre o I milénio antes de Cristo.

Nas sondagens **100B**, **101A** e **103A** verificou-se que a construção destas habitações data do período pré-romano. Efectivamente não foi recolhido nas valas de fundação dos muros nenhum fragmento de olaria romana, seja de construção seja doméstica. Tem sido afirmado que o tipo de aparelho mais

elaborado, de tipo helicoidal seria já do câmbio da Era, ou mesmo do século I d. C. As sondagens efectuadas na Citânia no mês de Julho de 2005 permitem afirmar que as estruturas datam pelo menos de finais do século II antes de Cristo, considerando a cerâmica indígena recolhida.

No âmbito destas sondagens registaram-se diversas observações sobre as técnicas construtivas aplicadas, das quais se justifica salientar alguns pormenores. Os alicerces das casas circulares assentam, directamente, no substrato granítico. Este, antes do programa de ordenamento urbano, seria irregular com expressivas diferenças de cotas entre os cumes dos afloramentos rochosos e as profundas diáclases. A fim de estabelecer uma plataforma única os afloramentos foram derrubados. Parte da pedra foi aproveitada na construção dos muros de suporte e das casas. Subsistiram alguns blocos maiores, tombados, dos quais um conserva a gravura já referida. Na sondagem 103A verificou-se que parte do penedo, devidamente aplanado, foi aproveitado como pavimento interior da casa. As zonas das aberturas entre as rochas (diáclases) foram preenchidas com pedra miúda e arena granítica.

Na sondagem **101A**, depois de efectuada a limpeza e levantamento do lajeado do pátio, definiu-se como zona de intervenção apenas uma pequena área de 1,5X2,5m, junto da parede circular da Estrutura 3. Em síntese a pequena sondagem aberta sob o lajeado revelou que o mesmo assenta sobre um nível de preparação, o qual por sua vez sela outros estratos mais antigos, embora atribuíveis à II Idade do Ferro. Os níveis de preparação encostam ao alicerce da estrutura, pelo que poderão ser contemporâneos. Sob reserva da dimensão da sondagem, a ausência de materiais de importação sugere que o lajeado poderá ser anterior à segunda metade do século I a.C. quando se começaram a generalizar as ânforas Haltern 70.

Na sondagem **103A**, localizada na Estrutura 1, optou-se por escavar apenas no interior do muro perimetral. Registaram-se o corte e afeiçoamento do afloramento granítico; níveis sobrepostos de manutenção do piso argiloso correspondente ao espaço de circulação da estrutura e, subjacente, o enchimento sedimentar coevo dos alicerces da construção.

Tal como nas outras sondagens também neste caso se verificou o interesse em realizar escavações em áreas já estudadas por Francisco Martins Sarmiento.

Nos estratos associados à edificação, não se recolheu material importado, de tal modo que consideramos que o aparelho helicoidal será anterior à romanização.

No sector 104B pretendia-se averiguar a preservação de estratos arqueológicos ou estruturas antigas no terreiro da capela de S. Romão (construída em 1859). Supõe-se que as escavações de Sarmento não se alargaram a esta zona, talvez pelo facto de ser a área da romaria, outrora muito concorrida. Tal circunstância poderá revelar-se fundamental para o estudo de uma das zonas mais desconhecidas da Citânia, para onde parecem confluir os eixos viários da acrópole. A sondagem foi aberta na plataforma superior à "Casa da Espiral", do lado de cima de um muro que era, simultaneamente, limite de unidade habitacional e muro de suporte de uma plataforma mais elevada. Verificou-se, em resultado dos trabalhos, que, na área adjacente ao templo de S. Romão, se conservam estratos arqueológicos, apesar do nivelamento artificial, sofrido em meados do século XIX, para aplanar o largo da capela. Registou-se a ocorrência de cerâmicas da Idade do Ferro juntamente com raros materiais romanos. Neste sector individualizou-se um maior número de unidades estratigráficas, comparativamente com os restantes. Localizou-se também o rebordo de um pavimento argiloso decorado, que aparentemente constituiu o piso de uma estrutura circular, como indica a orientação da secção do limite do pavimento posta a descoberto.

Todas as sondagens foram concluídas no prazo estabelecido, salvo o quadrado 104B, em que não foi possível alcançar o substrato rochoso.

Durante as escavações procedeu-se à lavagem e marcação dos fragmentos de cerâmica. No final as valas foram entulhadas e o pavimento levantado repostado, conforme ditam as boas regras da intervenção arqueológica.

Além da escavação, os trabalhos incluíram o desenho integral à escala 1:20 das estruturas da UH12, no qual se registaram as coroas dos muros e o lajeado, assim como os alçados, em que se identificaram as fiadas de restauro.

4.3.2

Sondagens arqueológicas – 2006

No seguimento da anterior intervenção retomaram-se em Julho de 2006, os trabalhos arqueológicos na já referida unidade doméstica, designada como “Casa da Espiral”. Nesta última intervenção finalizou-se a decapagem de um dos sectores inacabados em 2005, o 100B, prosseguiu-se a sondagem 104B e foram abertas 3 novas sondagens (99B, 102A e 105A).

Os principais resultados dos trabalhos de 2006 são os seguintes:

- a) Sob o vestíbulo da construção circular central, detectaram-se níveis de ocupação associados a uma diferente lógica de repartição do espaço habitacional, se bem que sem estruturas pétreas associadas.
- b) Nos níveis escavados em 100B, na área exterior à construção circular (E2) foi detectado um vazadouro, preenchido com materiais da II Idade do Ferro, ao qual se sobrepõe um nível de aterro com cerâmicas indígenas e romanas. Tendo em conta a quantidade de cerâmica recolhida admitimos que a estrutura 2 da UH12, a Casa da Espiral talvez fosse a zona de cozinha e de refeições.
- c) Nas zonas (104B e 105A) do tabuleiro superior foram identificadas contextos de deposição primária, associados a estruturas possivelmente integradas numa unidade habitacional distinta, que se desenvolve no sentido da actual capela de S. Romão. Um pavimento desta estrutura, posto a descoberto em 2005, decorado com incisões esquemáticas, feito com argamassa de argila, constituiu o ponto de referência para a identificação da área de deposição, onde se recolheram fragmentos de cerâmica castreja, carvões e pequenos ossos. Também nesta zona se detectou parte do alinhamento de uma estrutura circular, possivelmente integrada no espaço doméstico implantado num plano superior, relativamente à “Casa da Espiral”.

Na sequência desta intervenção, mas já no mês de Setembro, foram realizadas acções de limpeza em dois lugares de proeminente significado na Citânia de Briteiros: a “Casa de *Medamus Camali*”; e a Nordeste no local onde ficaria um segundo balneário, danificado pela abertura da EN.

Quanto ao primeiro espaço, a limpeza visou remover a camada detrítica acumulada durante décadas sobre o lajeado desta importante unidade habitacional (que confronta com a “Casa da Espiral”). A zona do pátio foi assim valorizada. A conservação da inscrição latina gravada num afloramento aplanado no centro da casa, referente a *Medamus*, filho de *Camalus*, suscita apreensão, pois está a verificar-se um progressivo desvanecimento.

No caso do balneário Nordeste, o trabalho teve como objectivo a limpeza e desenho da estrutura parcialmente destruída na década de 30, quando da abertura da estrada. Da análise comparada do desenho dos alicerces com as dimensões da primeira Pedra Formosa considera-se que a interpretação de Mário Cardozo sobre a possibilidade de ser o local da origem do conhecido elemento continua uma hipótese em aberto. Trata-se, inequivocamente, de um estrutura similar, ou seja de um edifícios de banhos, mas sem a grandeza e qualidade arquitectónica equivalente à Pedra Formosa. Existiriam, assim, em Briteiros três balneários?

4.4

Arte rupestre – 2004/05

No âmbito do ano lectivo de 2004-2005 realizou-se na Citânia um outro seminário dedicado à arte rupestre, no qual participaram duas alunas finalistas, Lucínia Oliveira e Joana Valdez. Foi assim possível confirmar e assinalar, com mais rigor, a localização de diversas gravuras já mencionadas por Francisco Martins Sarmiento e por Mário Cardozo, detectando-se também novas insculpturas. Porém ainda não foi possível identificar outras, citadas por aqueles investigadores.

A zona das prospecções incidiu, numa primeira fase, na área delimitada pela primeira linha de muralha e na encosta leste. Numa segunda fase os trabalhos estenderam-se para lá da Estrada Nacional, embora na mesma encosta.

Foram assim descobertas mais algumas gravuras isoladas e observados alguns dos núcleos já conhecidos desde o século XIX. Verificou-se, por outro lado, que o incêndio do ano anterior (2003), devido às elevadas temperaturas, tinha

alterado a superfície da rocha. Considerou-se, deste modo, prioritário a limpeza e desenho das gravuras do conjunto designado como Penedo dos Sinais.

Este trabalho, executado na semana de 25 a 29 de Abril, revelou que a rocha, descoberta por Francisco Martins Sarmiento, é, sem dúvida, um dos mais interessantes núcleos conhecidos da Arte Atlântica, que se estende ao longo da faixa oceânica do Noroeste Peninsular, desde a Galiza ao Norte de Portugal. O Director do Centro Nacional de Arte Rupestre, António Martinho Baptista, que dirigiu os trabalhos, considera que a Pedra dos Sinais pode ser datada do Neolítico Final, ou seja de uma fase muito anterior ao povoado proto-histórico.

De um modo geral a Arte Rupestre, observável no Monte de S. Romão, filia-se em dois períodos distintos: o mais antigo insere-se na Pré-História Recente (Neolítico Final – Calcolítico – Idade do Bronze); e o mais moderno será contemporâneo do povoado fortificado. Aliás a construção da Citânia, em que foram aproveitados de forma sistemática os afloramentos graníticos, terá destruído rochas com gravuras da fase precedente.

No entanto, todas as gravuras descobertas até esta data são de estilo abstracto, predominando os círculos simples, concêntricos, espirais, e motivos complexos, em que se articulam os diversos tipos mencionados de forma a constituírem extensos painéis.

Por outro lado a prospecção permitiu verificar que a generalidade das rochas com superfícies gravadas possui uma boa visibilidade, distinguindo-se os cumes da Serra da Cabreira, que poderá ter sido uma montanha sagrada, simbologia muito frequente na Pré-História Recente e na Proto-História e que se prolongou mesmo na época romana, pelo menos em alguns locais como na Serra do Larouco (Montalegre).

A fim de confirmar a hipótese da Arte Rupestre se encontrar em relação com o rio Ave e com os cumes da Serra da Cabreira será necessário prospectar de forma intensiva a vertente oeste do Monte de S. Romão onde são numerosos os afloramentos graníticos, verificando se nesta zona há, ou não, gravuras.

4.5

Tratamento de material arqueológico – 2005/06

Outra linha de acção tem sido o tratamento do material. Nas duas escavações (2005 e 2006) o material foi lavado, marcado e inventariado no decurso dos trabalhos, encontrando-se depositado nas reservas do Museu da Cultura Castreja – Solar da Ponte.

Por outro lado, tendo-se verificado que, numa das construções castrejas reconstruídas no alto da Citânia, tinham sido acumulados milhares de fragmentos de cerâmica, formando uma espessa e compacta camada, procedeu-se à sua lavagem e marcação, tarefa que ainda não está terminada. Este trabalho, mesmo sem estudo sistemático dos bordos e dos fundos, assegura, desde já uma interessante conclusão. Os comentários sobre a olaria da Citânia de Briteiros, baseados nos materiais expostos nas vitrinas do Museu da Sociedade, devem ser revistos, em função dos novos fragmentos inventariados. Por exemplo a percentagem de cerâmicas decoradas é ínfima, o que tem paralelo na olaria da Citânia de S. Julião, situada na margem norte do rio Cavado, no actual concelho de Vila Verde (Martins 1989/90).

O estudo de Antónia Silva (1997) classificou um total de 705 fragmentos de olaria, conservados nas vitrines e nas reservas do Museu de Guimarães. Na "casa" reconstruída já foram inventariados 8190 fragmentos⁴. O que perfaz um total de 8895. Ora nas escavações realizadas em 2005 e 2006, em que foi escavada uma área total de cerca de 64 metros quadrados, recolheram-se 11487 fragmentos. Tendo em conta que superfície total escavada por Francisco Martins Sarmiento e Mário Cardozo é de 7 hectares seria de esperar um volume de várias dezenas de milhares de fragmentos de olaria, ou seja muito superior ao que se conserva nas vitrinas e reservas do Museu de Guimarães mais as séries acumuladas no interior da construção restaurada. Supõe-se, portanto, que nos montes de terra dispersos pela Citânia ainda se conserva muito material, possivelmente peças com interesse, embora descontextualizadas.

Entre os materiais inventariados, oriundos da construção restaurada foi descoberto um pequeno molde de fundição em pedra, o que confirma que a Citânia foi um importante povoado metalúrgico, facto aliás já assinalado por diversos investigadores, designadamente Armando Coelho da Silva (1986). A importância

da metalurgia no quadro das actividades económicas do povoado é tanto mais expressiva quanto não se registam nas proximidades ocorrências de cobre e estanho. Ou seja a matéria-prima seria importada de outras zonas: o estanho da zona da Serra da Arga, o cobre do vale do Douro. Constam aliás das colecções do Museu uma série de pequenos lingotes de chumbo ou estanho recolhidos em diversos pontos da Citânia. Com base nas indicações de Mário Cardozo foi possível cartografar parcialmente o local dos achados. Este primeiro esboço dos locais eventualmente relacionáveis com a metalurgia sugere uma distribuição dispersa, diferente da que existiria na Citânia de Sanfins, onde segundo Armando Coelho da Silva (1986) os artifices metalúrgicos se concentravam num quarteirão específico.

Na Citânia, à semelhança do que se verifica em grandes povoados da Idade do Ferro da Europa Central (Ardouze e Büchsenschütz 1991), as unidades onde se exercia a metalurgia parecem distribuir-se ao longo dos grandes eixos, hipótese interessante que necessita de ser confirmada através de uma pesquisa mais elaborada das notas de Francisco Martins Sarmiento e de Mário Cardozo.

4.6

Conservação

A conservação do sítio é um aspecto que levanta delicadas questões de ordem metodológica. Pretende-se salvaguardar o aspecto geral bucólico do espaço, mantendo os sobreiros plantados na década de 30 e uma equipa permanente de limpeza. No futuro há a intenção de desmontar alguns restauros de pior qualidade, numa intervenção que se pretende lenta, sem rupturas. De facto, os restauros anteriormente efectuados podem induzir em erro a percepção dos visitantes, e a exposição constante das ruínas à intempérie põe em causa a estabilidade de muitas construções. Está, presentemente, a estudar-se um sistema que não afecte o cenário actual, e que permita consolidar as estruturas expostas e a Arte Rupestre.

Um dos problemas mais complexos é a desmontagem dos montes de pedra e de terra acumulados nas escavações de Martins Sarmiento.

Outro aspecto ainda por programar incide sobre a cobertura arbórea autóctone.

4.7

Iniciativas de valorização e divulgação

A Citânia de Briteiros possui o estatuto de monumento paradigmático. Tendo em conta esta circunstância, bem como expressivo, e crescente, número de visitantes que têm ocorrido à Citânia de Briteiros, entendeu-se, como vector fundamental do projecto (objectivo 7), conciliar a investigação com as exigências de um sítio permanentemente aberto ao público, mesmo durante as escavações as quais, aliás, constituem um motivo suplementar de interesse para os turistas que interpelam, com frequência, as equipas, colocando as mais diversas questões.

Com todos os riscos inerentes não se criaram barreiras à circulação, nem corredores balizados, ou áreas vedadas, de tal modo que a Citânia aparece aos olhos dos visitantes como um amplo espaço de ruínas a descobrir, como se entrássemos numa "cidade morta".

Contudo, os meios interpretativos foram adaptados aos novos aspectos, decorrentes da investigação de Briteiros em particular, e da Idade do Ferro do Noroeste em geral, melhorando assim as condições de visita. A par do novo centro de acolhimento, construído em 2003 e inaugurado em 2004, foi reforçada a componente interpretativa da Citânia. Para o efeito, colocou-se informação gráfica na zona de entrada (5 painéis), com imagens de leitura acessível. Por outro lado, elaborou-se um novo desdobrável, bastante completo, com uma versão em inglês, o qual inclui a planta do sítio, articulada com sinalética no terreno. Esta sinalética tem um carácter provisório, visando não causar impacto no contexto cénico das ruínas, enquanto se não produz um sistema de "audiotour", ou um aparato mais sofisticado de visita, orientada por GPS.

O roteiro disponibilizado, incluído no preço do bilhete, pode ser aprofundado com a Visita Virtual, disponível no "website" da Casa de Sarmento, garantindo-se deste modo uma total autonomia do visitante, que poderá obter todos os dados necessários a uma interpretação adequada do monumento, com diversos níveis de complexidade.

A abertura do Museu da Cultura Castreja – Solar da Ponte, em 2003, complementou a interpretação do monumento, pois inclui materiais arqueológicos de Briteiros e do Castro de Sabroso, bem como uma importante narrativa biográfica de Martins Sarmento. Através de um conjunto de quiosques multimédia, com o qual se articulam diversos elementos materiais, é possível conhecer a vida e a obra do arqueólogo vimarenense. O Museu foi instalado no Solar da Ponte, antiga casa de família de Sarmento, em S. Salvador de Briteiros, por ele utilizada como base logística durante as suas escavações na Citânia.

Garantida deste modo a quase total autonomia dos visitantes, para grupos maiores realizam-se visitas acompanhadas, assim como para excursões escolares.

O monumento tem, também, sido dinamizado através de algumas actividades, efectuadas com a necessária reserva e cuidados inerentes à celebração de eventos num sítio protegido. Realizaram-se, assim, duas edições de uma recriação histórica da Idade do Ferro, a “Citânia Viva”, organizadas em conjunto com a comunidade local, nomeadamente as freguesias de S. Salvador, Santa Leocádia e Santo Estevão de Briteiros. O evento visa sobretudo a reconstituição do ambiente doméstico e de grupos de guerreiros, que simulam jogos de destreza e combate. Realizam-se também acções em cooperação com diversas entidades, desde visitas guiadas a sessões de observação astronómica.

Além disto, tem-se procurado renovar a sinalética rodoviária e divulgar o monumento nos meios turísticos. Exemplo disso, é a inclusão do sítio num trilho pedestre do Concelho de Guimarães (a “Rota da Citânia”). Ainda no domínio da divulgação, o *website* da Casa de Sarmento e o Blog “Pedra Formosa”, cumprem uma função essencial. Os interessados têm acesso a outras informações de carácter histórico, disponibilizando-se uma grande quantidade de elementos documentais. Em suma, a Citânia de Briteiros é um dos sítios arqueológicos de Portugal com maior panóplia de meios interpretativos.

Finalmente, tem-se difundido o estudo de Briteiros em Congressos e Conferências realizados no âmbito da Proto-História, contribuindo assim para a evolução dos conhecimentos neste período, e divulgando o sítio na comunidade científica.

5 Considerações finais

A consulta da bibliografia recente, tanto de língua portuguesa, como galega ou castelhana, revela que a Citânia de Briteiros continua a ser um ponto de referência sobre inúmeros aspectos da Cultura Castreja. Qualquer estudo sobre a II Idade do Ferro e dos processos de alteração ocorridos entre os séculos III a.C. e o câmbio da Era, inclui, forçosamente, citações sobre Briteiros, embora, na generalidade, pouco fundamentadas.

Neste sentido o Projecto de Briteiros, exposto em linhas gerais neste artigo, é indispensável. As recentes e diversas tarefas de investigação e de salvaguarda, em curso em Briteiros, permitiram alcançar interessantes conclusões.

Em primeiro lugar pode dizer-se que o subsolo da Citânia, mesmo nas zonas anteriormente escavadas, possui um elevado potencial arqueológico. Briteiros não é um glorioso emblema do passado, mas um laboratório de relevante interesse científico. A análise dos estratos relacionáveis com as fundações de estruturas pétreas, revelou uma cronologia manifestamente pré-romana. A abertura de sondagens junto a diversas construções, permitiu adquirir conhecimentos sobre as técnicas construtivas e sua aplicação. Parece ter-se verificado na Citânia, no séc. II a.C., um programa global de reorganização do espaço, com o corte dos afloramentos graníticos preexistentes, criando-se assim superfícies planas, onde se edificaram as novas unidades domésticas.

A relação entre o volume de área escavada e a quantidade de material recolhido, leva-nos a admitir que grande parte da cerâmica resultante de antigas escavações permanece nas elevações artificiais resultantes dos desaterros efectuados. Assim, as cerâmicas observáveis no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, tanto nas vitrinas como nas reservas, são apenas uma ínfima parte do material retirado nos antigos trabalhos.

Não foi possível ainda averiguar a existência de níveis da Idade do Bronze Final. Registam-se materiais da Primeira Idade do Ferro, não tendo sido ainda definidas as estruturas associáveis a este espólio. Do ponto de vista da valo-

rização, a fisionomia actual do monumento, apesar da abertura da Estrada Nacional na década de trinta, e malgrado os restauros entretanto efectuados, mantém uma expressiva atractividade, sendo apenas necessária a consolidação pontual de algumas estruturas, e acções de limpeza exaustiva em determinadas unidades domésticas.

O recomeço dos trabalhos arqueológicos na Citânia está a ser divulgado, constituindo por si mesmo um motivo acrescido de interesse para a valorização patrimonial do monumento.

Notas

¹ Sobre Francisco Martins Sarmento e a sua obra há numerosa bibliografia. Remetemos para os textos mais recentes, assinados por Manuela Martins (1995), Francisco Sande Lemos (1995; 2000) e Ramiro Pimenta (2005; 2005/2006 e 2006), mencionados na Bibliografia.

² As cores correspondentes a cada layer são as seguintes: Sectores – Vermelho; Unidades habitacionais – Verde; Estruturas – Azul; Pormenores – Cor de tijolo; Intervenções de Martins Sarmento – Amarelo; Intervenções de Mário Cardozo – Castanho.

³ Esta nota deve ser encarada com as reservas necessários devido à escassa área interencionada. Talvez a zona de ocupação mais antiga se localize no lado oposto da acrópole, na zona sobranceira ao istmo de acesso ao esporão e ao vale superior do rio Ave, onde o cume tem uma cota maior.

⁴ Este valor será um terço do material acumulado na casa reconstruída.

Bibliografia

- Ardouze, Françoise e Büchsenschütz, Olivier (1991) – *Towns, Villages and Countryside in Celtic Europe*, Btatsford, London.
- Cardoso, Mário (1931) – A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a Interpretação da “Pedra Formosa”, *Revista de Guimarães*, 41, pp. 55-60, 201-209, 250-260.
- (1971) – *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Notícia Descritiva, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- (1985) – *Catálogo do Museu da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia e de Escultura Antiga*, 3.ª edição, Guimarães.
- (1994) – *Obras I*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto.
- (1997) – *Obras II*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto.
- Fernández-Posse, M. D.; Sastre, Inês; Sánchez-Palência, F. J. (2004) – Oro y Organización Social de en las Comunidades Castreñas del Noroeste de la Península Ibérica, *Tecnología del Oro Antiguo, Anejos de Archivo Español de Arqueología*, 32, pp. 389-398.
- González Ruibal, Alfredo (2003) – *Arqueología del Primero Milénio en el Noroeste de la Península Ibérica*, Dissertação de Doutoramento, Universidad Complutense de Madrid.
- (2004) – Artistic Expression and Material Culture in Celtic Gallaecia, *E-Keltoi, Journal of Interdisciplinary Celtic Studies, The Celts in the Iberian Peninsula*, 6, pp. 113-166.
- Lemos, Francisco Sande (1995) – Martins Sarmento na Arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta, *Revista de Guimarães*, 105, pp. 117-126.
- (2000) – Francisco Martins Sarmento na Arqueologia Portuguesa e Europeia do século XIX, Actas do Congresso Europeu de Proto-História – 1999, *Revista de Guimarães*, número especial, Guimarães, pp. 39-47.
- Lemos, Francisco Sande e Nogueira, Sandra (2002) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos realizados na Citânia de Briteiros em 2002. Universidade do Minho. Braga.

- Martins, Manuela (1990) – *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Médio Curso do Cávado*, Cadernos de Arqueologia, Série Monografias, Braga.
- (1995) – Martins Sarmiento e a Arqueologia dos Castros, *Revista de Guimarães*, 105, pp. 127-138.
- Parcero Oubiña, César (2002) – *La construcción del paisaje social en la Idade del Hierro del Noroeste Ibérico*, Ortegalia 1, Monografias de Arqueologia, Historia e Património, Fundación F. M. Ortegalia.
- Pimenta, Ramiro (2005) – A Lição epigráfica de José Leite de Vasconcelos – geo-historiografia do programa de pesquisa da “Cultura Castreja”, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Universidade do Algarve, Faro (no prelo).
- (2005/2006) – O Romantismo das cidades mortas – Geo-historiografia do programa de pesquisa da “Cultura Castreja” nos finais do século XIX, O caso de Martins Sarmiento, *O Arqueólogo Português*, 4.ª Série, 23, MNAE, Lisboa, pp. 157 a 170.
- (2006) – Os “Belgas” na Geo-Historiografia de Martins Sarmiento (no prelo).
- Sarmiento, F. Martins (1933) – *Dispersos*, Imprensa Nacional, Coimbra.
- (1999) – *Antíqua. Apontamentos de Arqueologia*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- (2004) – *Materiais para a Arqueologia do Entre Douro e Minho*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- Silva, Maria Antónia Dias da (1997) – *A Cerâmica Castreja da Citânia de Briteiros*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- Silva, Armando Coelho F. da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.



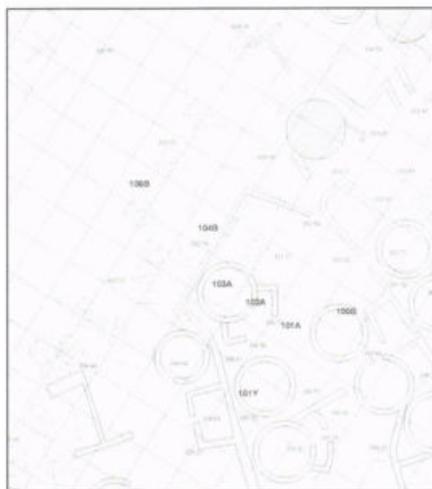
Imagem aérea vertical da Citânia de Briteiros.



Imagem aérea da Citânia de Briteiros: acrópole e encosta nascente.



Imagem aérea: rua da acrópole; unidades domésticas dos sectores 3, 4 e 5.



Localização da Casa da Espiral no Alto da Citânia; estão assinalados os sectores de intervenção.



Rua principal da acrópole.



Unidade habitacional designada como Casa da Espiral.



Sondagens arqueológicas: sector 100A.



Sondagens arqueológicas: sector 101A.



Sondagens arqueológicas: sector 103A.



Sondagens arqueológicas: sector 104B.



Trabalhos Arqueológicos na Casa da Espiral.



A Pedra dos Sinais (fotografia nocturna com luz rasante) encosta nascente da Citânia.



Citânia de Briteiros: entrada do Centro de Acolhimento.



Recriação Histórica: Citânia Viva (unidade doméstica do sector 3).